

A equação mista na economia da era Lula

Helena Chagas

Os desenvolvimentistas do governo foram com muita sede ao pote ao decretar, com as urnas ainda quentes, o fim da era Palocci. Com isso, garantiram a manutenção de Henrique Meirelles no Banco Central. Já o lobby do pessoal do mercado para tirar Guido Mantega – movimentação que se esconderia por trás de uma suposta articulação atribuída ao ex-ministro da Fazenda e seu grupo – também parece ter dado com os burros n’água. Apesar do malabarismo para não passar a idéia de estar confirmado ministros para o segundo mandato, o que só fará em dezembro, Lula já deu sinais internos de que vai manter a equação Guido-Meirelles e a dicotomia entre desenvolvimentistas e monetaristas que vem marcando o governo – o seu e os anteriores.

Com isso, o próximo movi-



mento dos desenvolvimentistas é tentar emparedar Meirelles. Tudo bem, ele fica, dizem. Mas para executar mudanças na política monetária que permitam queda mais acelerada dos juros e abram espaço, finalmente, ao almejado crescimento da economia em 5% no ano que vem. Como ninguém contesta o chefe abertamente, o foco das pressões transfere-se agora para a diretoria do BC, que seria inteiramente substituída. O fim de seus mandatos

em 31 de dezembro facilitaria a operação "cerca-Meirelles".

O presidente do BC e as forças do mercado que o apóiam parecem, porém, dispostos a não entregar os pontos. Meirelles luta pela sobrevivência quando afirma que a manutenção da inflação baixa foi um elemento de popularidade que influiu na vitória de Lula – e nisso Tarso Genro teve de concordar. Meirelles continua sustentando que é preciso haver corte nos gastos, e não só nos juros, para que o país cresça. Não diz, mas obviamente não quer virar rainha da Inglaterra no BC, o que obviamente acontecerá se a diretoria for substituída por integrantes de outra linha de pensamento.

Lula quer que a política econômica sofra uma inflexão para crescer a 5%? É só o que quer. Mas não teme que, segundo as previsões das cassandas ortodoxas, a inflação volte a subir e

o crescimento vá para o ralo? É só o que teme. Então, enquanto pode, vai se mantendo equilibrado entre Guido e Meirelles, entre ação e discurso, realidade e sinalização. Vai cobrar a inflexão necessária para acelerar o crescimento. Inflexão, aliás, que, segundo inquilinos do Planalto, já começou lá atrás, antes mesmo de Palocci sair do governo, ainda que vagarosa.

Lula não gosta de ver ninguém cantando de galo em seu terreiro

Nesse sentido, a decisão do presidente já está tomada, e não é por ter dado puxão de orelhas em Tarso ou Dilma por declarações meio desajeitadas que discordará tanto assim do que quiseram dizer na essência. Lula sabe que só concluirá com sucesso o segundo mandato se o país crescer. Ponto.

Nem por isso, vai demitir Meirelles ou tirar a independência operacional do BC, o

que seria péssima sinalização ao mercado, a investidores e a todos os que, a duras penas, voltaram a acreditar na seriedade fiscal do Brasil. Pode trocar um ou outro diretor, dando ao Copom um toquezinho de flexibilidade. Mas o superávit de 4,25% continua, o regime de metas de inflação continua e será anunciado um pacotinho fiscal para cortar despesas. A espinha dorsal da política econômica é a mesma.

É assim, ao que parece, que as coisas vão funcionar no segundo governo. Assim, aliás, é Lula, que gosta de governar a partir do contraditório, mantendo pontos de vista opostos sob o mesmo guarda-chuva, inclinando-se ora para um, ora para outro. Assim é Lula, que não gosta de ver ninguém cantando de galo em seu terreiro. Maldade que corre em Brasília: o que o presidente mais detestou nas declarações de Tarso não terá sido o anúncio de a nova fase na economia. Foi, sobretudo, ter chamado a fase que se encerra de "era Palocci". Elementar, meu caro: nesse governo, só tem "era Lula".